

## **PROJETO GUIGNARD**

Ricardo Pereira é empresário e morador em Ouro Preto.

Entrevista realizada no dia 15 de outubro de 2003, em sua residência, na Pousada do Mondego, Largo de Coimbra.

Gélcio: Ricardo, a princípio gostaria que fizesse uma pequena biografia da sua família para situarmos o encontro com Guignard.

Ricardo: A minha família não é daqui. Minha mãe nasceu em Belo Horizonte e meu pai em Diamantina. Papai chegou a Ouro Preto em 1942 e adquiriu o controle acionário de uma empresa muito importante, a Companhia Industrial Ouro-pretana de Tecidos, Força, Luz e Telefones. Era a concessionária dos serviços públicos de telefonia e energia elétrica, além de contar com a unidade Fábrica de Tecidos, no Tombadouro, propriedade do Comendador Vitorino Dias. Meu pai era jornalista e advogado. Havia assessorado Benedito Valadares, interventor de Getúlio Vargas no Estado de Minas Gerais. Ainda muito jovem, tornou-se pessoa conhecida e com certa influência nos meios políticos. Isso foi importante para Ouro Preto que, após a transferência da capital, em 1897, encontrava-se mergulhada na mais profunda pobreza. A Fábrica de Tecidos, que pertencia ao grupo do qual ele adquiriu o controle, passava por sérias dificuldades. Nesse período o Dr. Américo Renê Gianetti, ex-prefeito de Belo Horizonte, iniciava um projeto na cidade para a produção de cimento luminoso, que resultou na criação da empresa Elquisa. Posteriormente, o grupo internacional canadense, Alcan, adquiriu o empreendimento, devido às dificuldades financeiras enfrentadas pelo Dr. Gianetti, em consequência de medidas tomadas pelo presidente Getúlio Vargas. Meu pai ficou na direção da Companhia até a década de 1960 atuando, paralelamente, na política ouro-pretana. Com sua influência, conseguiu melhorias para a cidade, a exemplo da rodovia Ouro Preto-Belo Horizonte. À época a estrada passava por Coelhos e chegava até Rio Acima e havia, ainda, a possibilidade da ferrovia, mas a viagem de “Maria Fumaça” era muito demorada. Papai acompanhou a obra durante seis anos, até a abertura de toda a extensão da estrada. Em 1960, ingressou na Escola de Minas, através de concurso para uma cátedra, e chegou a ocupar o cargo de Superintendente do Instituto de Ciências Políticas e Exatas da Escola de Minas, que pertencia à Universidade do Brasil. Não havia a Universidade Federal de Ouro Preto. A cidade era povoada por escritores, poetas e artistas plásticos, dentre eles, Guignard. Quando pequeno convivi com ele. Era extremamente simpático e alegrava a garotada. Costumávamos brincar no adro da igreja de São Francisco de Assis e no Largo de Coimbra. Guignard estava sempre presente, fazendo suas pinturas. Muitas vezes chegávamos curiosos e ele tinha uma atitude receptiva. Por exemplo, se estava pintando uma paisagem e percebia a presença de uma criança, olhava, sorria, apontava para a tela com o pincel e fazia o desenho de um papagaio, de uma pipa. Nós nos sentíamos homenageados e ficávamos agradecidos.

Gélcio: Você teve experiência semelhante com outros pintores?

Ricardo: Eu me lembro do Genesco Murta, do Luisinho Vieira e também do Takaoka, que gostava de beber. Ele jogava o cavalete e a tela às costas, andava a pintar pelas ladeiras da cidade e, embora não fosse corcunda, inclinava todo o corpo para frente. Mas não gostava de conversa, não era simpático como Guignard, que parecia o menino mais velho da turma, aquele que nós respeitávamos. Quanto a essa aproximação,

gostávamos de chegar perto de Guignard, porque tínhamos a certeza de um gesto amigo. Até hoje nos lembramos com muita alegria desses momentos.

Gélcio: É interessante, porque entrevistei o Vandico e ele também fala sobre os diversos cavaletes. Guignard tinha prazer em mostrar, em manter o seu cavalete aberto, enfim, era sempre professor?

Ricardo: Era incrível como ele interagia com a criançada para que entrasse no quadro. Depois de muitos anos, ao refletir sobre essa questão, verifico que ele era uma pessoa diferente, um ser superior, um homem bondoso. Ele fazia a criança brincar, fazia com que a gente participasse daquilo que ele estava pintando.

Gélcio: Em que ano, mais ou menos, você localiza esses fatos?

Ricardo: Foram nos anos cinqüenta, entre 1953 e 1955. Estava com uns 11 anos, no início da adolescência. Já era alimentado em nós, adolescentes, o respeito por Guignard, chegávamos até a chamá-lo de mestre.

Gélcio: Guignard freqüentava a sua casa?

Ricardo: Quando a minha irmã mais velha fez 18 anos, já existia uma instituição que, de certa forma, amparava Guignard. Parece-me, pelo que mais tarde soube, que ele não era um mercador. Era um artista que sobrevivia dos seus quadros, um apaixonado por tudo aquilo que fazia. Mas devia ser um péssimo negociante. Ele foi convidado para o aniversário da minha irmã e prometeu pintar um quadro de presente. No dia em que veio pintar o retrato da Regina foi até a janela do quarto que eu usava, com vista para a ladeira do Vira-saia, atual rua Santa Efigênia. É um belíssimo quadro e está conosco até hoje. Não sei o motivo, mas não compareceu à noite para a festa.

Gélcio: Nessa época ele estava sob controle, saía pouco à noite?

Ricardo: Parece que sim, disseram que poderia vir ao aniversário desde que fosse de dia. Então foi realizada uma espécie de sessão especial para ele, o pré-aniversário da Regina, regado a chá com bolo. Lembro-me perfeitamente dele pintando o quadro. Em determinado momento, ele se levantou, olhou e fez uma modificação que permanece presente no quadro. A tela é uma aguada, característica que sempre me impressionou em Guignard. Sua pintura é delicada no traço, parece que economizava tinta, está mais próxima de um guache, não sei como fazia aquilo. A pincelada de Guignard vai ficando mais diluída, cada vez mais bonita, o que muito me encanta. Certa vez estava sendo leiloado um dos seus auto-retratos, presente que dera ao ex-ministro Clóvis Salgado, grande admirador de sua obra. Ao meu lado, estava o colecionador que criou a Galeria Inimá de Paula, contemporâneo do Banco de Crédito Real, quando fizemos parte da Diretoria. Ele me disse: “Ricardo, há vinte anos estou atrás deste quadro que já estive em um leilão.” Notei que o Augusto tinha verdadeira obsessão em possuí-lo. Tentei conter seu impulso, pois aquele quadro já estava carimbado. Uma Fundação importante de Minas Gerais o queria e eles faziam até o impossível, pelo que ficamos sabendo, para adquiri-lo. É belíssimo, maravilhoso. Nesse retrato, Guignard teve o cuidado de deixar transparecer seu lábio leporino, mas procurou torná-lo mais suave e ameno.

Gélcio: Havia poucas pessoas que reconheciam o talento e a genialidade de Guignard em Minas e Clóvis Salgado era uma delas.

Ricardo: É verdade e posso dizer que o meu pai também. Ele se encontrava sempre com Guignard no bar do *Toffolo*, na época, o *point* de Ouro Preto. Guignard chegava com uma tela e a oferecia. Meu pai, num gesto de delicadeza, chamava o garçom e perguntava: “O senhor já serviu o jantar do mestre?” As pessoas tinham um enorme carinho por Guignard. Os amigos mais próximos se preocupavam com suas condições de vida, em especial a situação financeira. A questão da sobrevivência com a arte é muito difícil...

Gélcio: Você se referiu ao Largo de Coimbra como um dos pontos prediletos do Guignard para trabalhar. Poderia citar outros locais de Ouro Preto?

Ricardo: Lembro-me dele sentado em uma cadeirinha, com aquela vareta que usava para apoiar o braço, perto do Passo da Ponte Seca, pintando os fundos das casas do Largo do Rosário. Guignard era um homem livre para pintar e se deslocava por toda a cidade.

Gélcio: Ao encerrar a nossa entrevista, gostaria que você ficasse à vontade para comentar algo que considere importante sobre a passagem de Guignard por Ouro Preto.

Ricardo: Guignard e papai estão enterrados na igreja de São Francisco de Assis. Todas às vezes que eu vou lá orar, à esquerda vejo o túmulo do Guignard, onde tem, como companheiro, seu dileto aluno Estevão, que um dia vi chorar na televisão, quando imputaram a ele a responsabilidade de estar falsificando o mestre. Era um homem de dois metros de altura se desmanchando em choro e sendo defendido pelo cronista social da época, o Wilson Frade. Fico a imaginar o encontro de Guignard, Estevão e papai e penso que tipo de conversa eles teriam ali, na solidão das madrugadas ouro-pretanas.